

**A gente dá adeus como se não fosse mais
se encontrar:
experiências no ensino remoto com uma
turma conhecida no ensino presencial**

*Eielza Maria Brito Quadros
Rosemberg Gomes Nascimento*

05

- Acorda! Acorda! ACORDA!

Este é o significado do som do meu despertador ensurdecido. Hora de levantar e organizar tudo antes das 9:20. E assim como aquela crença de que 11/11/11 traria alguma mudança na humanidade, o dia 9 do mês de novembro às 9 horas já estava me assustando o suficiente para que, antes do horário das aulas do 9º ano, eu estivesse pronta, computador a postos, caderno e canetas, várias canetas, um café quente ao lado e o coração a mil.

- Calma, calma, são só adolescentes, o que pode dar errado?

Repetir isso ajuda? Com certeza, não. A gente sempre pensa que pode controlar alguma coisa, mas adolescentes são pessoas em formação e podem saber muito mais do que o professor, a depender da situação.

Início da aula e a primeira pessoa que vi foi o professor Benjamin, meu preceptor, e, em seguida, os sons “plum”, “plum”, “plum” foram ouvidos e vários rostos familiares brotaram na tela. O ícone da plataforma era pequeno para o sorriso que esbocei ao rever todos aqueles rostos que havia avistado no meu estágio supervisionado em 2019, quando as aulas ainda estavam presenciais. Não consegui conter a euforia e, no momento em que o professor regente pediu que eu me apresentasse à turma, falei:

- Eu conheço vocês! Meu estágio 2 foi com a turma de vocês! Eu sou Julia e será um prazer acompanhar vocês de novo.

Alguns deles esboçaram algum reconhecimento, mas é difícil dizer já que a instituição sempre tem um número significativo de estagiários semestralmente.

- Se eles não lembram, eu vou fazê-los lembrar! Vou sempre ligar a câmera.

Sim, isso virou um desafio interno.

Mas nem todos os dias estamos bem, principalmente nesse período remoto, então, em algumas aulas, tive que desligar minha câmera, mas sem deixar de interagir pelo *chat* ou pelo microfone.

Com o tempo fui aprendendo o nome daqueles que participavam menos das aulas, visto que eu não tinha conseguido aprender os nomes de todos no ano anterior. É difícil conhecê-los no ensino remoto, pois nem todos ligam as câmeras, os microfones ou interagem através do *chat*, que são as únicas maneiras de conseguir conhecê-los. Meus amigos sempre perguntam quem é quem, e eu os ajudo contando momentos da aula ou características deles que aparecem nas fotos, mas imagino o quão difícil é conhecer alguém somente pela tela do computador.

Lembrei da fala de um professor em um conselho de classe no início do Programa:

- A escola invadiu a casa dos alunos, então não podemos obrigá-los a ligar as câmeras e mostrar suas casas.

Essa fala do professor Antônio me persegue desde o início do Programa, posto que é a minha realidade como aluna e residente, por me faltar um espaço apropriado para estudar, pela minha avó ignorar que estou nas aulas e passar por detrás da câmera seminua, - Aê, vovó! - e ligam

rádio, televisão e até o celular no máximo.

- Queria que minha maior preocupação fosse o carro do ovo passando, tal como o professor Benjamin.

Com isso, imagino alguém, em uma realidade distante, que precisasse, desesperadamente, de uma bússola, mas seus polos estivessem desmagnetizados, deixando esse alguém sem rumo e perdido. Acho que é assim que todos do ensino presencial se sentiram ao serem inseridos drasticamente no ensino remoto. O contexto é novo, as condições são diferentes, e é preciso ter certo “tato” ao exigir a participação ou até participar, mesmo que isso indique que demoremos mais tempo para conhecer e saber o nome de todos.

Depois de alguns meses, aprendi o nome de todos, o que é incrível para um professor que deseja aproximar-se da turma. Porém, ser vista como professora seria mais difícil do que aparentava, pois a impressão é de que o estagiário, residente e pibidiano é um corpo estranho. Eu senti isso quando era estudante, imagina eles?

- E como eu vou parecer uma professora sem parecer forçada?

Nada fácil! Ajudar com respostas, falar no microfone alguma coisa relevante à discussão, ligar a câmera para eles se familiarizarem com meu rosto. O que mais tentar então?

E foi em um *timing* perfeito que o professor Benjamin anunciou que seríamos nós, os residentes, que iríamos reger as aulas deles no 1º ano do Ensino Médio. E se tornou oficial, tínhamos espaço para dar aulas, interagir mais e não só pôr em prática a teoria, mas conseguir participar da construção de conhecimentos daquela turma que tinha alunos que, com suas perguntas pertinentes, “colocavam um no bolso”, como diria vovó. E um novo temor me envolveu - tremor também, porque as pernas logo ficaram bambas - Eu sou vista como professora por eles?

Todavia, nada acontece da forma que esperamos. Um dia, junto com as dúvidas, zoeiras e comentários no chat, veio um comentário direcionado a mim, provavelmente por terem visto minha expressão facial a um comentário específico sobre política: “Prof. Julia, foi só uma brincadeira. não desiste da gente”, e sorri com o que ela escreveu, não só pelo teor da brincadeira, mas também porque significava que eu era, sim, uma professora para eles.

Essa aluna não sabia, mas tinha retirado um monte de questionamentos de mim ao me reconhecer. E mesmo que seja bobo - eu sei que é bobo -, ainda me senti no caminho da docência, e, olha, eu nem participei da regência ainda. As aulas nessa distância e em tão pouco tempo causa isso na gente, uma insegurança tão grande quanto o Everest, e adaptar-se a isso, sem perder a esperança na educação, é difícil, mesmo que já saibamos como funcionam as aulas presencialmente.

Para melhorar essa relação, estava, eu, preguiçando na minha cama depois de acordar tão cedo, quando chegou a notificação de que eu havia sido inserida em um grupo de bate papo com os alunos, o professor e meus amigos residentes.

- Números estranhos, foto do prof. Benjamin no perfil (o quê?), será que vão fazer alguma festinha para ele?

Os alunos pediram a Benjamin para inserir a gente no grupo de “zap” que ele tinha com eles, no qual tinha uma foto do professor rindo na praia, o que é até ok, considerando que, atualmente, é o rosto dele numa foto da Elsa do Frozen, outra montagem bizarra para foto do grupo. Fiquei me perguntando para que servia o grupo, principalmente com aquelas fotos.

A recepção dos alunos e alunas foi realmente acolhedora, e logo fui falando confortavelmente e notei que o mesmo aconteceu com eles. Mais pareciam situações que aconteceriam nos corredores da escola, no intervalo das aulas e até no tempo mais livre entre o término de uma atividade e outra, uma vez que o *Whatsapp* era a forma de interação que tínhamos nesse período remoto, como a proximidade de uma amizade à distância, sem o perigo de ser um(a) criminoso(a).

Em pouco tempo descobri que o grupo possuía várias funções, a primeira que vi foi o dom da busca na internet, o famoso *stalkeamento*, porque logo entraria uma nova aluna e todos estavam curiosos sobre ela, e antes que pensem em algo muito mal, eles só pesquisaram o nome dela e o perfil era aberto. Depois foram várias as funções, desde envio de *links* das aulas, tirar dúvidas, assuntos aleatórios, comentários sobre livros e séries e, principalmente, comentários sobre os assuntos das aulas.

No aplicativo de mensagens pedem ajuda sobre as atividades, quando surgem dúvidas, e qualquer um de nós, que esteja disponível e *online*, lhes responde. Aquele era o canal que eles tinham fora das aulas de língua portuguesa e foi a melhor opção no contexto remoto.

No grupo não só os ajudamos, mas deixamos Benjamin menos sobrecarregado, mesmo que ele não admita a sobrecarga, ele aceitou participar do Programa, está no início do doutorado, tem diversas reuniões na escola e ainda dá aulas nessas turmas, então é o mínimo fazermos isso por ele. Além disso, podemos falar sobre o que gostamos e descobrimos coisas sobre eles, e essa proximidade deixa a relação um pouco mais leve. Ainda cria um elo de confiança entre nós.

Ousaria dizer que as aulas refletem a nossa trajetória docente de forma prática, as experiências estão funcionando como uma forma de preparar para a realidade da escola, até mesmo os corredores do *Whatsapp* nos ajudam com a relação que teremos com pessoas de diversas idades, culturas, crenças e personalidades, e essa interação nos prepara para a vida, pois ser professor é (re)encontrar pessoas e ensinar onde quer que precisem dele. E depois do “tchau”, a gente pode voltar a falar uns com os outros. Não é um adeus, é um até logo. E esses reencontros acontecem. Até quando será de forma virtual? Não sabemos ao certo.